

Centro de Memória

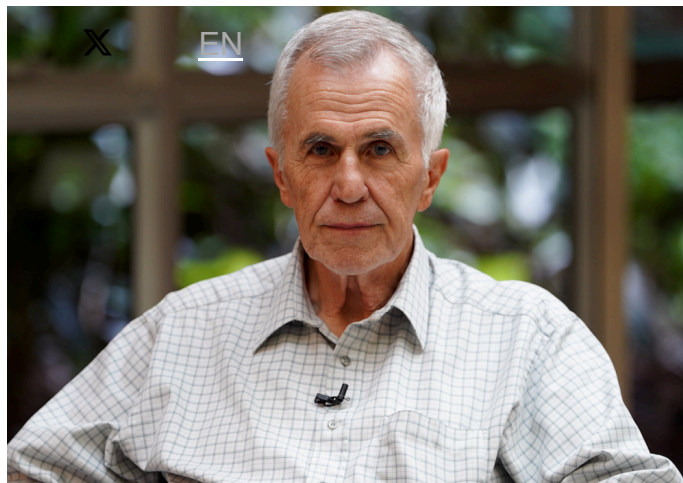
Da física teórica à prática da gestão

Em entrevista ao Centro de Memória FAPESP, Luiz Nunes de Oliveira lembra da sua trajetória acadêmica, de seu período como pró-reitor de pesquisa da USP e dos anos em que atuou junto à Diretoria Científica da Fundação

30 de julho de 2025

Agência FAPESP – Luiz Nunes de Oliveira formou-se na primeira turma do Instituto de Física de São Carlos da Universidade de São Paulo (IFSC- USP), em 1973. “Éramos uns 20 alunos. O curso foi organizado por Almir Massambani [falecido em 2012], com muitas aulas em laboratórios. Foi um período entusiasmante”, contou em entrevista ao [Centro de Memória FAPESP](#).

Foi contratado como auxiliar de ensino no ano seguinte, ao mesmo tempo em que iniciava uma trajetória de pesquisa que o levou para o doutorado na Universidade de Cornell e no Instituto Nórdico de Teoria (Nordita), em Copenhague, e ao pós-doutorado nas universidades de Ohio e da Califórnia, em Santa Bárbara, nos Estados Unidos, onde trabalhou com Walter Kohn, que uma década depois ganharia o Nobel de Química. “A formação de alunos no exterior teve forte impacto no IFSC, sobretudo porque trouxe a física experimental para um instituto que tinha foco na física teórica”, disse.



Professor titular do IFSC-USP, Nunes foi agraciado 26 vezes com prêmio oferecido pelos alunos ao melhor docente de cada turma (foto: Daniel Antonio/Agência FAPESP)

Professor titular do IFSC-USP, Nunes foi agraciado 26 vezes com o prêmio Horácio Carlos Panepucci, oferecido pelos alunos do instituto ao melhor docente de cada turma. Ao longo de sua carreira, foi pró-reitor de Pesquisa da USP (2001-2005), coordenador de área (1988-1992) e coordenador adjunto na FAPESP, editor-chefe do Brazilian Journal of Physics e coordenador científico da revista [Pesquisa FAPESP](#). Hoje é gestor do programa Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão ([CEPIDs](#)), que ele ajudou a implantar no início dos anos 2000.

Na FAPESP, Nunes também acompanhou o ingresso da Fundação no consórcio do [Southern Astrophysical Research Telescope](#), conhecido como Soar, em Cerro Pachón, uma montanha no deserto do Atacama, no Chile. “Isso mudou a astronomia no Brasil. Até então, o único telescópio disponível estava instalado em Brazópolis e tinha 1 metro”, afirmou, referindo-se ao Observatório do Pico dos Dias, em Minas Gerais.

A oportunidade de ingresso surgiu em 1995, quando uma das três universidades que formavam o consórcio para a construção do telescópio de 4 metros no Chile desistiu. O então diretor científico da FAPESP José Fernando Perez constituiu um comitê do qual participaram astrônomos de renome internacional, além do físico Herch Moysés Nussenzveig (1933-2022), professor emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “O comitê concluiu que o Brasil deveria ter protagonismo no projeto, contribuindo, por exemplo, com aparelhos, desenho e com a estrutura do Soar”, lembrou. [João Steiner](#) (1950-2020), professor titular do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAG-USP), tomou a frente da empreitada. “Ele disse: ‘esse é o projeto dos meus próximos cinco anos’.”

A experiência do Soar, na avaliação de Nunes, possibilitou que o Brasil se qualificasse para participar de um consórcio ainda maior, envolvendo 17 países: o telescópio Pierre Auger, em Malargüe, na Argentina (leia mais em: agencia.fapesp.br/31937 e veja o vídeo em: youtu.be/EfUO8Yy5IEk).

adolescência. Ainda aluno do científico – atualmente o último estágio da Educação Básica –, viveu um ano na Califórnia, em intercâmbio estudantil. O time de futebol da escola tinha como capitão um garoto forte, que ele descobriu anos depois, ao ver o filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, ser o ator Robin Williams.

A íntegra da entrevista, além de outras conversas, está disponível em: <https://centrodememoria.fapesp.br/entrevistas/>.



<https://youtu.be/sJyboy1sFqA>